

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76
https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

«Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett

«Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: Déclin et mort de la patrie dans le poème *Camões* (1825), d'Almeida Garrett

«Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: Decadencia y muerte de la patria en el poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett

«Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: Decline and Death of the Homeland in the Poem *Camões* (1825), by Almeida Garrett

Ariana Sanchez
 Faculdade de Letras da Universidade do Porto
 arianagisellesanches@gmail.com

Resumo: O presente ensaio estuda a temática da «morte da pátria» na literatura portuguesa do século XIX, a partir do contraste entre o retrato heroico e nobre de Luís de Camões e a imagem de uma pátria em decadência, e moribunda, no poema épico-dramático *Camões* (1825), de Almeida Garrett. O discurso em torno da nação, identificada ao longo do poema com a figura de Camões, atravessa o século e será retomado na literatura da chamada «Geração de 70». Este estudo procura, portanto, compreender a influência do retrato de Camões esboçado por Garrett nas obras de Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro.

Palavras-chave: Camões; Garrett; decadência; morte da pátria.

Abstract: This essay explores the theme of the “death of the homeland” in nineteenth-century Portuguese literature, through the contrast between the heroic and noble portrayal of Luís de Camões and the image of a decaying and dying homeland in Almeida Garrett's epic-dramatic poem *Camões* (1825). The discourse on the nation, throughout the poem identified with Camões, spans the century and is later revisited in the literature of the so-called “Generation of 70”. This study seeks to understand the influence of Garrett's portrayal of Camões on the works of Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz, and Guerra Junqueiro.

Keywords: Camões; Garrett; decline; homeland death.

Résumé : Cet essai étudie la thématique de la « mort de la patrie » dans la littérature portugaise du XIXe siècle, à travers le contraste entre le portrait héroïque et noble de Luís de Camões et l'image d'une patrie en déclin et mourante dans le poème épico-dramatique *Camões* (1825) d'Almeida Garrett. Le discours autour de la nation, identifiée tout au long du poème avec la figure de Camões, traverse le siècle et sera repris dans la littérature de la soi-disant « Génération de 70 ». Cette étude cherche ainsi à comprendre l'influence du portrait de Camões esquissé par Garrett sur les œuvres d'Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz et Guerra Junqueiro.

Mots-clés: Camões; Garrett; déclin; mort de la patrie.

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Misero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76* https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

Resumen: Este ensayo estudia la temática de la «muerte de la patria» en la literatura portuguesa del siglo XIX, a partir del contraste entre el retrato heroico y noble de Luís de Camões y la imagen de una patria en decadencia y moribunda en el poema épico-dramático *Camões* (1825), de Almeida Garrett. El discurso en torno a la nación, identificada a lo largo del poema con la figura de Camões, atraviesa el siglo y será retomado en la literatura de la llamada «Generación de 70». Este estudio busca, por lo tanto, comprender la influencia del retrato de Camões esbozado por Garrett en las obras de Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz y Guerra Junqueiro.

Palabras clave: Camões; Garrett; decadencia; muerte de la patria.

Abre com uma longa invocação à saudade¹ o poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. O vocábulo, que desde esta primeira estrofe, com recurso a oxímoros vários, se inscreve concomitantemente nas esferas do sofrimento e do prazer, ocorre nesta composição poética dezasseis vezes, no singular como no plural; um facto que, mais do que constituir uma estatística vã, que os recursos tecnológicos permitem asseverar com facilidade, demonstra bem a centralidade que a palavra, «porventura o mais doce, expressivo e delicado termo de nossa língua» (Garrett, 2018: 227), adquire na ordem do poema. Naturalmente, tal importância estende-se ao objeto primordial desta mesma saudade: a pátria – à qual regressa, ainda neste primeiro canto, o cantor d’*Os Lusíadas*, e pela qual Almeida Garrett anseia (exilado em Paris aquando da publicação da obra, o escritor inscreve-se, deste modo, como noutras passagens será também evidente, na estrutura do poema) – é o centro de uma vasta e determinante reflexão, à margem da qual se torna impossível apreender plenamente o sentido atribuído por Garrett à figura de Camões.

Implicam-se mutuamente, neste poema, os retratos da pátria e do poeta épico², não apenas porque o seu autor não foi insensível à «íntima conformidade que havia, no caso de Camões, entre o destino individual de um poeta e o destino coletivo da decaída Pátria que cantara para exortá-la a regenerar-se sob o ardor de D. Sebastião» (Monteiro, 2011:

¹ «De *saudade* quisera eu dizer ainda alguma coisa. — Saudade, palavra, cuidado que vem, por derivação oblíqua, do latino *solitudo*. Oblíqua digo, porque *direitamente* derivaram os nossos de *solitudo*, solidão, soidão e depois soledade, soidade, finalmente saudade. De modo que, por esta síntese (ou pela análise, que é óbvia), se vem a entender claramente que o verdadeiro sentido de saudade é — os sentimentos ou pensamentos da soledade ou solidão ou soidão; o desejo melancólico do que se acha na solidão, ausente, isolado de objetos por que suspira, amigos, amante, pais, filhos, etc.» (Garrett, 2018: 228; nota A, Canto I).

² Escreve Camilo Castelo Branco que «o protagonista do sempre formoso poema de Almeida-Garrett é um Luiz de Camões romântico, remodelado na fantasia melancólica d’um grande poeta exilado, amoroso, nostálgico» (1880: 7).

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76 https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

180), como também por se ter empenhado, Garrett, em apresentar o bardo português como signo dos valores antigos de uma pátria que, mesmo na contemporaneidade de Luís de Camões (em meados e fins de Quinhentos, entenda-se), já não existia. O retrato do «cantor-guerreiro» de alta estirpe moral contrasta com a de uma pátria ingrata, atolada em vícios e tirania, distante já das glórias que a honra e o esforço dos seus antepassados haviam conquistado:

«Qu’ é desse esp’rito que animava os fortes?
 Qu’ é desse vivo ardor de fama honrada
 Que faiscava em lusitanos peitos,
 E a arriscadas ações, a empresas grandes,
 A mais que humanos feitos os levava»
 Extinguiu-se, acabou. Já fomos Lusos;
 Fomos: — de nossa glória o brado ingente
 Breve será clamor que geme longe,
 Como voz de sepulcros esquecidos
 Balda soando no porvir que a ignora» (Garrett, 2018: 124; Canto IV, est. XI).

Ao considerar-se a identificação de Camões com a pátria – latente ao longo da obra e apresentada de forma mais contundente no seu derradeiro Canto, no qual Garrett faz coincidir a morte do poeta épico com a da própria pátria – devemos ressaltar que ela não é referente à pátria que conheceu Camões, nem muito menos ao Portugal de Almeida Garrett, também ele, como o autor, projetado na narrativa³. Os valores de que Camões se torna símbolo são, efetivamente, os de uma “pátria de outro tempo”, cujo renome se perdeu na história.

Que o retrato do poeta se oponha com tanta evidência ao retrato da pátria não decorre exatamente da imaginação de Garrett, ou de qualquer outro escritor ou artista, antes da própria sensibilidade de Camões. Quero com isto dizer que já n’*Os Lusíadas* o retrato do país (e da sua nobreza, particularmente), sinalizando os primeiros sintomas da decadência do reino, opõe-se de forma evidente ao autorretrato do poeta. Do ponto de vista retórico, o alto conceito que o poeta tem de si mesmo – e não se coíbe de apresentar, sob o manto decoroso da modéstia, ao destinatário do seu poema épico – ganha força no contraste estabelecido com a flor de uma nobreza envilecida, a quem, como a D. Sebastião, Camões repreende com surpreendente veemência. A esta mesma nobreza, o poeta propõe um alto ideal de heroísmo (Canto VI, est. 95-99), do qual (no epílogo da

³ «Os românticos não viajam realmente em direção ao passado, antes trazem o passado para o presente» (Lourenço, 1999: 149).

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76* https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

epopeia, nomeadamente) se apresenta como exemplo. Nas palavras de Faria e Sousa, o autor d’*Os Lusíadas* apresentou-se «delante del Rey Don Sebastian, como un Bautista delante de Herodes a condenarle sus costumbres» (Sousa, 1972a, vol. II: col. 53).

Garrett faz eco da voz crítica de Camões na sua «paráfrase» da epopeia camoniana. Nos cantos III e IV da sua composição poética, é o protagonista – ainda convalescente, depois da visão do cadáver de Natércia – quem narra ao missionário espanhol, que o acompanha e lhe dá guarida, a sua história e dá a conhecer as motivações subjacentes à escrita da sua epopeia. Desta forma, Garrett transforma em depoimento as muitas reflexões presentes no poema épico de Camões, não divergindo do sentido que elas aí adquirem.

O retrato de Camões como profeta *mal-amado* na sua pátria, à imagem desses cuja voz clama no deserto pelo arrependimento e conversão dos pecadores – um retrato esboçado por Camões nas derradeiras estâncias do seu poema épico e ao qual o supracitado excerto de Faria e Sousa faz alusão – está também presente no poema épico-dramático de Garrett:

«De indignado

Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome português assim manchava,
Esconjurei as sombras indignadas
Dos heróis fundadores dum império
Que tão bastardos netos destruíam (2018: 124-125; Canto IV, est. XII).

Soaram

Tremendos, nos ouvidos criminosos
Dos cortesãos hipócritas e astutos
Os livres sons do nobre patriotismo
Com que a treda impostura d’ímpios bonzos
E a tirania infame de validos
O guerreiro cantor asseteara.
[...]

Nunca tão terrível,

Nua verdade lhes mostrou seus crimes,
Como na boca desse vate ousado» (2018: 212; Canto X, est. 12).

Do meu ponto de vista, o sentido “antiépico” das chamadas «reflexões do poeta»⁴ – as quais *contaminam* todo o poema – revela que, ao contrário do que em vários tempos

⁴ «A epopeia estava imbuída da amargura do homem que experimentara a pobreza, as durezas da vida de soldado, a desolação do desterro, as agruras da prisão. Em geral, as estrofes finais dos cantos continham sempre uma nota de censura» (Novo, 2024: 465). «Camões apontava o dedo aos comandantes vis que atraíam os companheiros e entregavam as fortalezas aos inimigos «a troco do metal luzente e louro». Aos que corrompiam. Aos que falseavam a verdade. [...] Ah, e nem o próprio rei era poupado às críticas.

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76* https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

e contextos se pretendeu (e se continuará a pretender), a epopeia camoniana, não deixando de ser a celebração da história de Portugal, é também, e com maior precisão, a consagração (tumular, diria), de um *Portugal que foi*.

A constatação – magoada – da decadência da pátria, que norteia a escrita de Almeida Garrett, encontra-se já no próprio texto sobre o qual (à maneira de um palimpsesto) o autor romântico escreve. O episódio do Velho do Restelo – sobretudo quando confrontado, por exemplo, com a *Institutio Sebastiani Primi* (1558), de Diogo de Teive – ilustra bem o modo como, já em Quinhentos, era generalizada a ideia da decadência do reino⁵. Este sentimento de declínio traduziu-se, nomeadamente, na forte contestação que recebeu D. João III pelo abandono de várias praças africanas, como as de Safim, Azamor, Alcácer Ceguer e Arzila e, na obra épica de Camões, em críticas – mais ou menos explícitas – aos vícios que, na opinião do poeta, depravavam as conquistas portuguesas no Oriente:

«Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!» (Camões, 2010: 184).

A política adotada pelo monarca *Piedoso* não carecia de justificativas, uma vez que os escassos recursos do reino tornavam insustentável e infrutífera a manutenção e administração desses territórios. Mas não era uma opção que condissesse com os valores lusos cantados por Luís de Camões na sua epopeia. A exortação que o poeta dirige a D. Sebastião, no epílogo do poema épico – coerente com a proposta apresentada no episódio do Velho do Restelo – é também uma crítica ao rumo da política externa portuguesa (que, com certa veemência, o autor d’*Os Lusíadas* defende que devia voltar-se de novo para o Norte de África⁶). O Oriente torna-se na epopeia camoniana um símbolo claro da degradação do império, algo a que a paráfrase de Garrett não deixa de conceder importância:

A D. Sebastião, como já vimos, Camões censurava o entusiasmo excessivo pela caça e o desinteresse pelo sexo oposto» (Novo, 2024: 466). Ainda segundo Isabel Rio Novo, a dureza destas críticas (as quais, do meu ponto de vista, conferem à epopeia um certo sentido “antiépico”), explicam o facto de, não obstante a edição d’*Os Lusíadas* ter sido custeada por D. Manuel de Portugal, este ter preferido «permanecer na sombra»: «[D. Manuel de Portugal] não podia comprometer-se excessivamente, nem à sua família, com um poema que, apesar de todos os méritos e excelências, questionava a nobreza, os membros do clero, o sistema jurídico, o próprio monarca...» (Novo, 2024: 467-468).

⁵ Sanches, 2024: 88-93.

⁶ Sanches, 2024.

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76
https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

«— Já malferido
 De eiva de morte arqueja o império d'Ásia.
 Os devassos costumes, a impiedosa
 Sede de mando, a sórdida cobiça
 Dos ministros da lei, e até — sincero,
 Franco é meu discorrer, e em mal! bem certo...
 Dos que, indignos do altar, o altar profanam
 Com sacrifícios bárbaros de sangue,
 A um Deus só de paz e de bondade,
 Em vez do puro incenso de virtudes»
 (Garrett, 2018: 123-124).

«O cetro de Manuel, nas mãos já débeis
 De Joane começado a desdourar-se
 Do esmalte das vitórias e triunfos
 Com que tanta virtude o adereçara,
 O cetro que, nas mãos doutro Joane
 Que ensinou a ser reis os reis do mundo,
 Fora vara de lei e de justiça» (Garrett, 2018: 147).

Não divergindo do sentido da reflexão em torno da pátria já presente n' *Os Lusíadas*, o discurso de Almeida Garrett distingue-se pela inflexão que lhe dá o autor – ao transformar em morte a decadência constatada e criticada por Luís de Camões no seu poema épico –, tanto quanto pelo alcance que a sua reflexão adquire, através da projeção do tempo da escrita no tempo da narrativa. A saudade da pátria, associada à experiência do exílio⁷, permite a Almeida Garrett projetar-se no esboço de Camões que traçava e tomar parte da sua composição poética, um pouco à imagem do autor d' *Os Lusíadas*, também ele uma figura preponderante na estrutura da sua própria epopeia. As alusões do narrador-autor deste *Camões* às suas vivências são constantes, mais evidentes no primeiro e no sétimo cantos, e sublinham, justificada em larga medida pela similaridade das vidas dos dois escritores⁸, a identificação de Garrett com as provações camonianas, numa lógica

⁷ Tal como refere Maria do Rosário Conceição, Garrett viveu por três vezes a experiência do exílio. O primeiro, entre os anos de 1823 e 1826. Uma segunda vez entre 1828 e 1832, na sequência do regresso de D. Miguel a Portugal. O poeta viveu ainda, entre 1834 e 1836, uma experiência que a autora classifica de “exílio”, ainda que tenha características distintas dos anteriores: «Garrett foi afastado de Portugal, que estava devastado por uma guerra civil, com o pretexto de compor uma missão diplomática» (Conceição, 2017: 254).

⁸ «Por que trazer Camões para o presente [...]?»; «A pergunta é meramente retórica, já que a resposta, todos a sabem: pela projeção do retratado no retratador, ambos amantes da pátria, ambos exilados, ambos poetas, enfrentando a dificuldade de imprimir-se. Só a frustração amorosa ainda não os aproximava; viria mais tarde para Garrett» (Berardinelli, 2012: 502).

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76* https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

semelhante à que levava Bocage a escrever: «Camões, grande Camões, quão semelhante / Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!»⁹.

Este ver-se em Camões, com toda a humildade – chama-lhe Garrett, nas notas que escreve ao poema, «herói e mestre» (Garrett, 2018: 245) – justifica o idealismo com que o fundador do Romantismo português trata a figura de Camões e é o que permite, por outro lado, que a morte da pátria, situada em 1578, descreva também a situação política do país no ano da publicação da obra¹⁰.

Estamos perante uma morte – a da pátria – desde o primeiro momento anunciada. Repare-se que o protagonista, incógnito durante três cantos, avista a amada pátria pelo final do dia: «O sol descia rápido, e já perto / De seu diurno termo, começava / A destingir no verde-mar das águas / A açafroada cor de que se adorna / No ocaso derradeiro» (Garrett, 2018: 58). O declinar do astro é uma clara alusão ao declínio da pátria, associada, naturalmente, à contemplação da «torre antiga e veneranda, / – Hoje tão profanado monumento / Das glórias de Manuel» (Garrett, 2018: 59). A degradação material da Torre de Belém (restaurada em 1843) simboliza a própria decadência do reino, sobre a qual dissertará Garrett ao longo deste poema.

A metáfora do ocaso para descrever a decadência da nação portuguesa é recuperada por Almeida Garrett no Canto VI do seu poema:

«O astro de Lísia
Do zénite de sua glória descrevia
Curva afrontosa a miserando ocaso,
Que de Alcácer nas tórridas areias
Erros, crimes, traições lhe estão cavando» (2018: 147-148).

A palavra *pátria* é proferida por Camões em voz baixa – «tão baixa, que a tomaras antes / Pelos ecos do interno pensamento» – e tem ainda força, apenas, para despertar o personagem por um momento da sua melancolia:

«Pátria, alfim torno a ver-te.’ — E lacerando
Entre os lábios mordidos o ai sentido
Que as piedosas palavras lhe seguia
Recaiu na tristeza taciturna

⁹ «É na confluência entre, por um lado, uma lição de pureza linguística herdada do filintismo, que se faz livre prática interdiscursiva camoniana, e, por outro, um entrelaçamento entre instância autoral e personagem, de tom elmanista, que passa a sobreposição, que se situa o poema intitulado *Camões*, de Almeida Garrett» (Marnoto, 2011: 166).

¹⁰ Como escreve Helena Carvalhão Buescu: «Escrita da epopeia e fim de Portugal fariam coincidir num momento paradoxal a glória épica e o seu mesmo carácter póstumo. A argúcia garrettiana está em construir um poema em que isto não descreve apenas 1580, mas também 1825» (Garrett, 2018: 14).

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76
https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

De que a ideia da pátria o despertara» (Garrett, 2018: 57).

O estado anímico do poeta reflete, sem dúvida, o estado da pátria. Como já referi, embora os retratos de Camões e da nação sejam paradoxais nos valores que representam, confluem no mesmo destino trágico, anunciado desde o primeiro Canto do poema, e consumado no seu derradeiro. O adjetivo mais frequentemente utilizado por Garrett para descrever a pátria (a sua, pode dizer-se, através da de Camões) é «ingrata» (2018: 101; 103; 151; 189); de sentido idêntico, são utilizados os adjetivos «indigna» (2018: 211) e «infeliz» (2018: 220) e, com uma conotação oposta, as expressões «doce» (2018: 127) e «amada» (2018: 164). O seu retrato é, de uma forma sintética, aquele apresentado no Canto IV do poema, pela figura do Adamastor – viciosa e arruinada:

«E não se acabará só nisto o dano;
 Antes por vossas mãos o mor castigo
 Recebereis: do império cimentado
 Com tanto sangue e com virtudes tantas,
 (Breve as heis de perder) medonhos crimes,
 Devassa tirania, infandos vícios,
 Superstição cruel minarão cedo
 Os nobres fundamentos. Aluído
 Baqueará por terra o sólio altivo
 Que sobre as ruínas erguereis dos povos.
 Vis descereis pelos degraus do vício
 Do trono a que a virtude vos alçara.

— ‘Assim na extasiada fantasia
 Um eco misterioso me soava:
 Di-lo-ei presságio triste em já gran’ parte
 De seu fadar cumprido!...’» (Garrett, 2018: 122)

Camões, por outro lado, é descrito como «um guerreiro de aspeto altivo e nobre / Mas de vaidade alheio» (Garrett, 2018: 163). Embora a ação do poema épico-dramático seja «a composição e publicação d’*Os Lusíadas*» (2018: 43), a pena influi menos do que a espada no retrato do protagonista; ao menos até ao momento em que Camões apresenta à corte de D. Sebastião a sua epopeia (Canto V). E é sobretudo da relação do poeta com o seu escravo que Garrett se serve para sublinhar a nobreza de caráter do poeta. Camões é referido como um guerreiro «gentil» (Garrett, 2018: 57), «malsofrido» (2018: 62), «melancólico» (68), «incógnito» (69; 83), «silencioso» (70), «jovem» [por comparação ao missionário que o acompanha] (71), «atribulado» (83); «atónito» (12). Parte destes adjetivos são circunstanciais, no sentido em que relevam apenas em determinada passagem do poema; outros, porém, como *melancólico*, *incógnito*, *gentil*, *nobre*,

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76* https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

malsofrido e atribulado, são determinantes no retrato físico e psicológico do personagem, sendo, portanto, recorrentes ao longo da narrativa.

Sobre o adjetivo «incógnito», direi que não se limita a sublinhar o anonimato do poeta nos primeiros dois cantos do poema¹¹; descreve, também – e esta será uma leitura bem mais relevante, dada a importância que adquire no poema o tema da ingratidão da pátria –, o desinteresse dos contemporâneos pela vida do bardo, que não chega a conhecer em vida a fama que o seu engenho e o serviço prestado à pátria mereciam: «E como ao ouvido / Chegou d’el-rei meu ignorado nome?» (Garrett, 2018: 142). Verdadeiramente, o nome do poeta apenas adquire importância após a sua morte, quando a sua fama dará novo ímpeto ao nome da pátria, «Esquecido na terra, envergonhado» (2018: 106): «Soa o brado ingente / Já pela Europa; e o nome lusitano / Ao nome de Camões eterno se une» (2018: 106).

Por sua vez, os adjetivos *gentil* e *nobre* assinalam a elevada estatura moral do personagem – elevado à condição de herói –, evidente, nomeadamente, na humanidade com que trata o seu escravo:

«Era de ver, e digno
Espetáculo adonde se cravassem
Os olhos todos dessa raça abjeta
Que se diz de homens, a figura nobre
Do guerreiro, em que toda se debuxa
A altivez, a grandeza, a força d’ânimo,
Com o andrajoso, humilde e pobre escravo
Em atitude tal» (Garrett, 2018: 217).

O contraste entre Luís de Camões e os homens do seu tempo – os homens da corte de D. Sebastião, principalmente, que o poeta tão severamente admoestou – é particularmente evidente no Canto VII, quando o autor d’*Os Lusíadas*, acompanhado do missionário espanhol, chega aos paços de Sintra: «Dous novos, que no gesto e ad’man bem mostram / Quanto esteiras do paço os desconhecem» (Garrett, 2018: 163).

O protagonista passa a ser referido, desde que se apresenta ante D. Sebastião, como «guerreiro cantor», expressão através da qual Garrett alude ao ideal de conjugação das armas e das letras que percorre a epopeia camoniana: «Atento o jovem rei fitava ansioso / O guerreiro cantor que o nobre aspecto / Tinha como de glória resplendente» (Garrett,

¹¹ O anonimato do poeta foi, tal como a invocação inicial à saudade, objeto da reprovação do crítico neoclássico José de Urcullu, que censurou «o não se saber, até ao terceiro Canto, quem é o herói do poema» (Berardinelli, 2012: 503).

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76 https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

2018: 166); a expressão guerreiro cantor é recorrente no texto de Garrett (2018: 196, 212, 213).

Se no primeiro Canto se exaltam as qualidades guerreiras do protagonista e as suas virtudes, dentro de um código ético cavaleiresco, o segundo Canto, numa singular reconfiguração da ideia de catábase, inscreve Camões no domínio dos heróis, fazendo-o participar dessa experiência única de descida ao domínio dos mortos – simbólica, apenas, uma vez que, na prática, o poeta se limita a acompanhar o cortejo fúnebre que introduz Natércia na morada dos mortos –, e posterior retorno ao mundo dos vivos. Tudo isto num domínio cristão, como sugerira Chateaubriand. Ainda que alegórica, nesta descida de Camões ao mundo dos mortos ecoam os feitos de Orfeu e Odisseu, de Aquiles, Eneias, Dante e, não esqueçamos, Jesus Cristo. Note-se, a propósito deste último exemplo, o verso «Aberta está a porta do sepulcro» (Garrett, 2018: 84; II, est. XI), que não posso deixar de relacionar com o versículo do Evangelho de S. Lucas que afirma – «Acharam a pedra removida do túmulo» (Lc 23, 2). Esta ténue – mas significativa – aproximação de Camões à figura de Jesus Cristo será de novo evidente no último capítulo, através das lamentações do poeta, em que se manifesta de forma inequívoca a influência do cânone bíblico na escrita de Garrett.

Trata-se de uma catábase singular, na qual se dá, tragicamente, narrada em versos do mais dolente Romantismo, a perda definitiva da tão amada Natércia; a qual, de certo modo, replica a frustrada tentativa que fez Orfeu de resgatar Eurídice do mundo dos mortos. Este é o primeiro de três decessos através dos quais Garrett aborda a vida e a obra de Camões: Natércia representa o cânone lírico do poeta, do mesmo modo que a Pátria se encontra simbolicamente associada a *Os Lusíadas*; o terceiro desses óbitos é, naturalmente, o do próprio poeta.

O signo da morte há de atravessar todo o poema e adquirirá especial relevância nos seus Cantos II, III e X. O regresso à pátria (Canto II) fica marcado por um cortejo fúnebre (o de Natércia): «Ruim agouro! Um saimento fúnebre / Ao regressar à pátria!» (Garrett, 2018: 78). No Canto seguinte, em visita aos Jerónimos, cansado, Camões ajoelha-se sobre os degraus do túmulo de D. Manuel I; e é nesse momento, às portas do sono e da morte, que lhe aparece – uma nuvem que vai ganhando forma –, o *Venturoso* rei português, símbolo do apogeu da glória nacional, o qual lhe atribui a missão de immortalizar o nome da pátria através do canto: «(...) Tu serve a pátria: / É teu destino celebrar seu nome»

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76* https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

(Garrett, 2018: 105; Canto III, est. XXI). O serviço requerido é tanto mais relevante quanto mais triste é o futuro da pátria, anunciado subtilmente por D. Manuel:

«A sentença fatal tem de cumprir-se –
Um dia inda virá que, envilecido
Esquecido na terra, envergonhado
O nome português... Opróbrio, mágoa,
Dura pena de crimes! – tábuas únicas
Lhe darás tu para salvar-lhe a fama
Do naufrágio. Tu só dirás aos séculos,
Aos povos, às nações: *Ali foi Lísia*.

[...] — Parte. Salvá-lo!
Salvá-lo, enquanto é tempo! — Extinto... Infâmia!
Extinto Portugal... Oh dor!...» (Garrett, 2018: 105-106).

O emprego do pretérito perfeito «foi» manifesta, inequivocamente, a ideia de que as glórias portuguesas se quedavam no passado, não encontrando paralelo no presente (o de Camões tanto quanto o de Garrett, uma vez que, como já referi, os dois tempos se entrelaçam na narrativa): «Pátria do esforço outrora e liberdade» (Garrett, 2018: 170). Também inequívoco é o sentido dos termos «naufrágio», «esquecido», «envilecido» e «extinto», aos que podemos somar tantas outras metáforas através dos quais Almeida Garrett alude à morte da pátria.

«— ‘Perdoar eu!... Nunca.
Malvados que me roubam tal amigo!
Único amparo só que me restava;
Que d’envolta coa pátria, coas esp’ranças
Dum povo inteiro, a vil sepulcro o levam!’» (Garrett, 2018: 214; X, est. VII).

Expressões como «eiva de morte» (Garrett, 2018: 123), «Já fomos Lusos», «Extinguiu-se, acabou», «voz de sepulcros esquecidos» (2018: 124), «perecer com ele [D. Sebastião], «cinzas» (Garrett, 2018: 149), «vil sepulcro» (2018: 214) materializam a ideia do decesso do reino que percorre o poema de Garrett.

Contemplando o estado da sua pátria, com o conhecimento do seu futuro obtido da visão profética de D. Manuel (Canto III), Luís de Camões não pode senão lamentar-se: «Em que te hei desmer’cido ó pátria minha?» (Garrett, 2018: 219). Ecoa, neste verso, a interrogação do profeta Miqueias, que a tradição cristã vincula à figura de Cristo: «Ó povo meu, que te tenho feito? E com que te enfadei? Testifica contra mim» (Mq 6, 3). Também a expressão que figura na carta do missionário espanhol, através da qual Camões toma conhecimento do desaire de Alcácer-Quibir, evoca o cânone bíblico e, mais

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76
https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

concretamente, a figura de Jesus: «Extinto é tudo / Nesta mansão de lágrimas e dores» (Garrett, 2018: 222). A locução latina «*consummatum est*», a que este trecho da obra de Garrett faz referência, constitui as últimas palavras proferidas por Cristo, antes de expirar. É precisamente o que sucede com o personagem de Camões que, pouco depois de ler as palavras do religioso espanhol, falece: «E já no arranco extremo: – ‘Pátria, ao menos / Juntos morremos...’ E expirou coa pátria» (Garrett, 2018: 223).

A outra figura bíblica à qual o personagem de Luís de Camões se aproxima é, como pude já referir, João Batista.

A densa reflexão de Garrett acerca da pátria – do «lusitano – envilecido – nome» (2018: 223) – principia, de certa forma, no contraste do estado do país ao estado das grandes potências europeias do século; são as matrizes inglesa e francesa que permitem atestar a estagnação do país, tanto mais evidente quanto mais significativos eram os progressos industriais e intelectuais do continente. Assim, pensar Portugal (que é o que o autor, através da figura de Luís de Camões, faz) implica para Garrett um olhar para dentro (como nas *Viagens na Minha Terra*) tanto quanto uma contemplação do exterior, desde essa Europa civilizada e moderna, já do tempo do Progresso e da Ciência. O mesmo sucederá com os grandes autores portugueses de oitocentos, como Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro; de modos distintos (até porque o país não é o mesmo no primeiro e no último quartéis do século XIX), todos estes autores incluirão nas suas obras o tópico da morte da pátria, que domina a escrita da obra inaugural do Romantismo literário português.

Neste *Camões*, Inglaterra é referida como «a princesa altiva das armadas, / Pátria da lei, senhora da justiça, / Couto da foragida liberdade» (Garrett, 2018: 54). Este retrato extremamente positivo contrasta com o de Portugal, referido como «Pátria do esforço outrora e liberdade» (2018: 170). O valor perdido da liberdade (a qual animara, em tempos, o Condestável¹²) – é um motivo recorrente na obra de Garrett; nas palavras do autor, ela fora em Portugal substituída pela tirania (tópico através do qual alude às circunstâncias do seu tempo, em diversas passagens deste poema). Essa perda é identificada pelo escritor com a partida das naus de D. Sebastião em direção à «africana

¹² «Mas do letargo vil em que o prostraram, / À voz de Nuno o português acorda. / Com palavras mais duras que elegantes / Glória bradou e liberdade e pátria, / Nomes que outrora em peitos lusitanos / Eram de chama elétrica cintilas / Que os corações briosos lh’inflamavam» (Garrett, 2018: 181).

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76 https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

terra, / Que de nossas conquistas e vitórias / Berço fatal há sido e sepultura» (2018: 148): «Lá te vás, e para sempre! / Nas pandas asas dos traidores ventos, / Independência, liberdade e glória (2018: 215).

A importância que o discurso em torno da pátria assume neste *Camões* – que manifesta as preocupações cívicas que pautaram a vida do liberal português – pode ser atestada pelo facto de, pelo final de 1825, ter iniciado Garrett a escrita da obra *Portugal na Balança da Europa*¹³, publicada parcialmente entre os anos de 1826-27, em jornais, e em livro no ano de 1830: «O fim que ora me proponho em publicar este quadro de factos e observações é pôr bem presente na memória dos Portugueses as causas e os efeitos de nossos erros e desgraças, para que no futuro se emendem uns, e se evitem as outras» (Garrett, 2005: 13). O poema *Camões*, note-se, havia sido publicado em Paris, em fevereiro de 1825, e insistia, como acima referi, no tópico da liberdade, que norteará igualmente a reflexão presente na segunda obra. Aí, num paratexto dirigido «À Nação Portuguesa», Almeida Garrett oferece à sua pátria a França como modelo (da liberdade, antes de tudo): «Ponde os olhos no povo francês, no grande povo, no povo modelo dos outros povos, e vereis quanto pode a só, desajudada e desarmada força de uma nação que ousa querer, e fortemente sabe querer ser livre. Imitai-a» (2005: 12). Na reflexão de Garrett, o apogeu da pátria – celebrado por Luís de Camões – tinha-lhe permitido camuflar a sua falta de liberdade; no presente, porém, perdido esse império,urgia que Portugal encontrasse novas garantias da sua independência:

«Portugal foi rico e poderoso; a má administração o deixou mais pobre e mais fraco do que nenhuma outra potência da Europa. Enquanto seu poder se estendia aos quatro ângulos da Terra, – enquanto de todas essas imensas, e que pareciam inexauríveis, fontes de riqueza lhe vinham torrentes de cabedal, que, se não davam sólida nutrição, aumentavam todavia, posto que transitoriamente, suas forças; com elas supria a falta de liberdade (com que só uma nação pode ser de veras independente)» (Garrett, 2005: 120).

Tal como no poema *Camões*, também em *Portugal na Balança da Europa* pesa na reflexão de Garrett, centrada no tópico da pátria, a ideia de um Portugal antigo, cuja glória o tempo, a má governação e a ausência de valores cruciais, como os da honra e da liberdade, desdouraram; o retrato que aí encontramos é o de um país envelhecido e desonrado:

¹³ «O ensaio que hoje dou ao público é obra de longo trabalho, e que desde os fins de 1825 se começou a escrever» (Garrett, 2005: 13).

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76 https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

«Oxalá que as honradas cãs do antigo Portugal, se já não é possível remoçá-lo, vivam ao menos em honesta e respeitada velhice; nem por impiedade de seus filhos o escarneçam desalmados estrangeiros na segunda infância da decrepitude, desonrado dos seus, insultado de estranhos, desamparado de todos!

Praza a Deus que todos, de um impulso, de um acordo, de simultâneo e unido esforço, todos os portugueses, sacrificadas opiniões, esquecidos ódios, perdoadas injúrias, ponhamos peito e metamos ombros à difícil mas não impossível tarefa de salvar, de reconstituir, a nossa perdida e desconjuntada pátria, – de reequilibrar enfim Portugal na balança da Europa!» (Garrett, 2005: 133).

Central neste *Camões*, o tópico da morte da pátria – vinculado à figura do cantor d’*Os Lusíadas*, feito símbolo desse Portugal Antigo – há de atravessar o século: «O que Herculano fundou em prosa epicamente nostálgica, Garrett fundou em nostalgia elegíaca, colocando Camões, de uma vez para sempre, no centro da nova mitologia pátria» (Lourenço, 1999: 31). A inflexão que lhe vão dando os autores parece tornar-se cada vez mais pessimista e adquire, no sombrio fim de século, pela pena de Guerra Junqueiro, uma acidez algo desconcertante – da qual, em certo sentido, havemos ainda de nos recuperar. O texto fundador do Romantismo, ecoando nos escritos de Antero de Quental e Oliveira Martins¹⁴ – e, através deles, nos autores da Geração de 70¹⁵ – será sem dúvida determinante na construção da “nacionalidade” portuguesa, cimentando a relação entre o autor d’*Os Lusíadas* e a saudade, invocada na sua obra por Almeida Garrett, bem como a ideia de uma pátria destruída pelo peso gigantesco do seu passado. Nas palavras de Oliveira Martins, «a grande herança do heroe esmagou os seus descendentes» (*apud* Junqueiro, 1891: VII).

No célebre segundo discurso do ciclo de *Conferências Democráticas do Casino Lisbonense* (proferido a 27 de maio de 1871), Antero de Quental concluía que o tema da decadência era central na história da nação:

«A decadência dos povos da Península nos três últimos séculos é um dos factos mais incontestáveis, mais evidentes da nossa história: pode até dizer-se que essa decadência, seguindo-se quase sem transição a um período de força gloriosa e de rica originalidade, é o único grande facto evidente e incontestável que nessa história aparece aos olhos do historiador filósofo» (2001: 17).

¹⁴ «A assimilação simbólica de Camões à imagem de um Portugal que já nada tem a ver com o Portugal cantado pelo Poeta, tal como a utilização «partidária» da sua glória, posta ao serviço dos primeiros alvares republicanos, choca-os profundamente [a Antero e Oliveira Martins]. Ambos se distanciam das grandes comemorações de 1880, sublinhando o contraste entre o estado do país real e a apoteose de que Camões, definitivamente símbolo e duplo de Portugal, é alvo no terceiro centenário da sua morte» (Lourenço, 1999: 150).

¹⁵ «Essa falange de intelectuais [...], dava por suposto, e como um facto, o estatuto de Portugal como nação, e mesmo povo, «decadente»» (Lourenço, 1999: 38-39).

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76 https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

Uma de três causas apontadas para essa degenerescência é, precisamente, a Expansão Marítima que a epopeia camoniana consagra, que Quental ajunta à «transformação do *catolicismo*, pelo Conselho de Trento» e ao «estabelecimento do *absolutismo*, pela ruína das liberdades locais» (2001: 31):

«Há dois séculos que os livros, as tradições e a memória dos homens, andam cheios dessa epopeia guerreira, que os povos peninsulares, atravessando oceanos desconhecidos, deixaram escrita por todas as partes do mundo. Embalaram-nos com essas histórias: atacá-las é quase um sacrilégio. E todavia esse brilhante poema em acção foi uma das maiores causas da nossa decadência. É necessário dizê-lo, sem que pese aos nossos sentimentos mais caros de patriotismo tradicional» (Quental, 2001: 50).

Para Antero de Quental, a mendicância de Camões torna-se retrato da própria pátria (aspeto que, como já o disse, se encontra presente no texto de Almeida Garrett): «A tradição, num símbolo terrivelmente expressivo, apresenta-nos Camões, o cantor dessas glórias que nos empobreciam, mendigando para sustentar a velhice triste e desalentada. É uma imagem da nação» (2001: 53). Antero aproxima-se de Garrett também na ponderação do lugar de Portugal no panorama europeu. O poeta açoriano salienta o lugar de destaque ocupado por Portugal no seio da Europa – quando foi pioneiro das navegações marítimas –, verdadeiramente contrário ao lugar periférico que o país (toda a Península, na verdade) ocupava na segunda metade do século XIX:

«A Península, durante os séculos XVII, XVIII e XIX, apresenta-nos um quadro de abatimento e insignificância, tanto mais sensível quanto contrasta dolorosamente com a grandeza, a importância e a originalidade do papel que desempenhámos no primeiro período da Renascença, durante a Idade Média, e ainda nos últimos séculos da Antiguidade» (2001: 19).

Portugueses e espanhóis, vamos de século para século minguando em extensão e importância, até não sermos mais do que duas sombras, duas nações espectros, no meio dos povos que nos rodeiam!...» (2001: 26).

Entre as muitas expressões utilizadas por Antero de Quental para se referir à decadência dos povos peninsulares encontram-se as seguintes: «entorpecidas» (2001: 24), «escuro, inerte, pobre, ininteligente», «ruinoso», «afunde» (2021: 25), «nações espectros» (2001: 26), «incerteza», «desânimo», «mal-estar» (2001: 59).

O pensamento com que Antero de Quental encerra o seu discurso influirá decisivamente nas reflexões de Oliveira Martins: «Gememos sob o peso dos erros históricos. A nossa fatalidade é a nossa história» (2001: 60). E conclui o poeta-filósofo, numa ânsia inegável de mudança: «Somos uma raça decaída por ter rejeitado o espírito

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76* https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

moderno: regenerar-nos-emos abraçando francamente esse espírito. O seu nome é Revolução (...)» (2001: 61).

Também Oliveira Martins, impulsionado em larga medida por esta conferência de Antero, recuperará o tema da morte da pátria com que Almeida Garrett “abria” a literatura do século. A propósito do Tricentenário de Camões (1880), escreve o historiador, no jornal *O Comércio Português*: «Camões escreveu um poema que foi um epitáfio, porque a sociedade que cantou acabou com ele» (1986: 10). E manifestava, no mesmo texto, o desejo de que as celebrações do centenário instigassem, numa pátria fraca e viciosa – como a que descrevia Garrett – verdadeiro desejo de mudança: «Nós, que abusamos demais das glórias conquistadas por nossos avós, supondo que elas bastam para nos justificarem a fraqueza e os vícios, devemos considerar o Centenário como um incitamento a melhor vida: um *Confiteor* e não um *Glória*. Penitenciemo-nos, pois» (Martins, 1986: 10).

Importará aqui recordar que, aquando do mesmo Tricentenário, a convite do editor Ernesto Chardron, Camilo Castelo Branco publicara em volume um prefácio que escrevera à sétima edição do poema de Almeida Garrett, no qual reflete acerca de «um livro [*Os Lusíadas*] que, ao fechar de tres seculos, alvoroça uma nação» (Branco, 1880: 78). E, afastando-se do entusiasmo com que então se vivia a efeméride, desabafava, suplicante: «[p]ermitta a Providencia das nações que os Lusíadas não sejam a esplendida mortalha que Luiz de Camões deixou a Portugal» (1880: 78). Os dois autores dialogam estreitamente, portanto, no ceticismo que revelam em relação ao Centenário de Camões, bem como através da invocação do tópico da morte da pátria, que ambos colhem no poema de Garrett.

Tornando a Oliveira Martins, a ideia d’*Os Lusíadas* como poema epitáfio surgia, dois anos antes, na sua *História de Portugal* (1879), na qual o autor assinalava, com toda a contundência, a morte da pátria: «Essa coesão que fora ganha nas lutas e campanhas da primeira dinastia, perde-se no XVI século, por causa das consequências do império oriental e da educação dos jesuítas. Portugal acaba; os *Lusíadas* são um poema epitáfio» (1988: 10). Para o historiador, findas as celebrações do centenário, Luís de Camões «tornava a pertencer à história de um passado extinto», e «*Os Lusíadas* [...] voltavam a ser uma saudade» (1986: 11).

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76* https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

Não apenas nestas palavras faz Oliveira Martins eco do poema de Garrett; pouco adiante, concluindo o prólogo a *Camões: Os Lusíadas e a Renascença em Portugal* (1891), o historiador retoma tanto a identificação do poeta (Camões) com a pátria quanto a projeção da sua atualidade na época de Camões:

«Neste acabar de século, repito, por tantos lados semelhante ao fim fúnebre do século XVI, quando morreram Camões e Portugal, o vivo desejo da minha alma é que, se efectivamente está morta a esperança inteira e temos de abandonar a ideia de voltarmos a ser alguém digno de nome vivo sobre a terra, este livro seja como um ramo de goivos deposto no altar do poeta que, morrendo com a pátria, lhe cantou o glorioso passado, legando-nos o testamento de um futuro não cumprido» (1986: 12).

Também na obra de Eça de Queiroz, Luís de Camões figurará como símbolo de um Portugal extinto. No derradeiro capítulo da terceira edição do *Crime do Padre Amaro* (1879), diante da estátua de Camões, conversam Amaro, o cónego Dias e o Conde de Ribamar, sobre o futuro da nação (Ferreira, 2020: 72-73), em relação ao qual o último se revela bastante otimista. Na sequência desta conversa, depois de apresentar a paisagem de uma cidade – e de um país, por extensão – vicioso e exangue, tece o narrador o seguinte comentário:

“E o homem de Estado, os dois homens de religião, todos três em linha, junto às grades do monumento, gozavam de cabeça alta esta certeza gloriosa da grandeza do seu país, – ali ao pé daquele pedestal, sob o frio olhar de bronze do velho poeta, erecto e nobre, com os seus largos ombros de cavaleiro forte¹⁶, a epopeia sobre o coração, a espada firme, cercado dos cronistas e dos poetas heróicos da antiga pátria – a pátria para sempre passada, memória quase perdida!” (Queirós, 2000: 1035).

Ao contrário do narrador, os três personagens, ao discorrer sobre a situação de Portugal e da Europa, mostram-se totalmente alheados da realidade do país, descrito, através da cidade de Lisboa, como um “mundo decrépito”: «– Vejam, ia dizendo o conde: vejam toda esta paz, esta prosperidade, este contentamento... Meus senhores, não admira realmente que sejamos a inveja da Europa!» (Queirós, 2000: 1035).

Quero, para concluir esta visão panorâmica – que não é mais do que um esboço pouco detalhado – da presença do tópico da morte da pátria na literatura oitocentista portuguesa, referir ainda Guerra Junqueiro, autor de *Finis Patriae* (1891). Nesta obra, marcada pela visão pessimista da *História de Portugal* de Oliveira Martins (como se torna evidente na introdução do opúsculo, constituída, quase integralmente, por citações dessa

¹⁶ Eça de Queiroz alude, nesta passagem, ao *Monumento a Luiz de Camões*, situado na Praça Luís de Camões, em Lisboa. Da autoria de Victor Bastos, foi inaugurado em 1867, por D. Luís I. A pose militar do poeta dialoga com o retrato que dele encontramos no poema *Camões*, no qual, como referi, o autor d' *Os Lusíadas* é destacado, antes de mais, como um nobre guerreiro.

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Misero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76*
https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

mesma obra), o retrato negativo do país, presente em todos os autores que fomos referindo, adquire um tom ainda mais amargo e indignado.

Desde o poema inicial (“Fallam choupanas de camponezes”), Guerra Junqueiro apresenta à «Mocidade das Escolas» a imagem de um país economicamente atrasado, empobrecido e faminto, amargurado e moribundo, tal como ilustra a abundância de expressões afetas aos campos lexicais de *decadência e morte*: «pobreza», «tristeza», «arrasas», «enxerga fria», «lar extinto», «não há pão» (Junqueiro, 1891: 15), «O gado é morto, a seara é morta, / Morta a alegria», «dobram os sinos», «Luto agoireiro!...», «Enterram velhos e meninos», «Canta o coveiro!», «Canto funereo!», «Pobres! dormi na sepultura», «cemiterio» (1891: 16), «Dormi, ó mortos de cansaço», «vão em manadas / Os emigrantes», «Ao voar das últimas esperanças» (1891: 17), «Morreu a vinha, não dá uvas...», «É morto o velho camponez...», «Orfãs e viúvas, / Luto e nudez» (1891: 18).

Destes camponeses aos operários e pescadores, dos hospitais e escolas às cadeias, os vários poemas que compõem este opúsculo descrevem a degenerescência do país, cujo presente, em vista do seu glorioso passado, se revela humilhante. É a esta humilhação, agravada pela Ultimação Inglesa de 1890, que *Finis Patriae* dá voz. O discurso panfletário de Guerra Junqueiro, que procurava chocar a opinião pública, tanto quanto desacreditar as instituições monárquicas, não era de todo alheio à produção literária do século, que atribuíra ao tópico a relevância que tenho sublinhado.

Expressões como «cadela tísica, sem dentes, / Vesgo animal, / A Fome d’olhos relusentes» (Junqueiro, 1891: 16), «podre» (1891: 19), «Alcool! Veneno que conforta, / Monstro satânico e sublime!...», «Crime», «Vício» (1891: 20), «vuelas lobregas» (1891: 23), «Lepras e cancros», «Medonhos monstros pestilentes, / Latrinas d’almas imortaes!» (1891: 24), «Larvas de estupro e assassinato», «podridão», «esgoto», «estrumeira», «Lixo de Deus a fermentar», «Lodo» (1891: 28), revelam a estética do feio e do mal que norteia a escrita de Junqueiro. É a influência, entre mais, das *Flores do Mal* (1857) ecoando pelas páginas de *Finis Patriae*.

Aos ecos do presente juntam-se as vozes do passado¹⁷, permitindo, o contraste entre os dois tempos, desenhar com maior rigor a pátria decaída. Camões surge em *Finis Patriae*, com toda a naturalidade, como ícone da glória e honra portuguesa, conspurcada

¹⁷ Vd. os poemas VIII («Fallam as fortalezas dismanteladas»; Junqueiro, 1891: 33-34), IX («Fallam os monumentos arrasados»; 1891: 35-37) e X («Fallam estatuas d’heroes»; 1891: 39-44).

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76*
https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

pelos herdeiros da Expansão Marítima. No poema X («Fallam estatuas d’heroes»), Guerra Junqueiro escreve sobre um «povo podre», que consentiu que a sua liberdade fosse «morta, / Estrangulada por um cão» (1891: 39-40):

«Pois esse povo agonisante,
 Quando revive para a historia,
 E vae, frenetico e radiante,
 Saudar a estatua do gigante
 Cantor da sua eterna gloria,

Deita a fugir, (como é ficticia
 Vossa bravura, homens venaes!)
 Vendo um corcunda, que imundicia!
 E um rei d’espadas (de policia)
 Com quatro esbirros, nada mais» (Junqueiro, 1891: 40).

«Onde a grandeza, onde a pujança
 Do Lusitano, ao medo alheio?
 Que resta enfim da nossa herança?
 Porcos da vara de Bragança,
 Grunhi nos tumulos!... dizei-o!

Dizei, poltrões, dizei cevados,
 Que resta enfim da nossa gloria?
 Que é da altivez? A – Jogou-se aos dados...
 Que é do estandarte? – Eil-o em bocados...
 Que é da nação? – Morreu na historia!» (Junqueiro, 1891: 41).

É certo que todos os povos experimentam, em algum momento da sua história, sinais de decadência. No entanto, são poucas as nações para as quais o declínio tenha sido tão traumático que se tenha tornado um dos aspetos definidores da sua “nacionalidade”. A letra d’*A Portuguesa* (1890) descreve exatamente o peso (constrangedor, em larga medida) que o século de ouro português exerce sobre o imaginário do país; o apelo «levantai hoje de novo, o esplendor de Portugal», bem vistas as coisas, não diverge da constatação do declínio da nação constante na obra dos autores que aqui referi. Simbolicamente, o hino português, reiterando, com lânguida esperança no futuro, a ruína do país, demonstra bem como os descobrimentos são, do ponto de vista simbólico, o fim da história de Portugal, porque não houve quem tomasse, como escreve Camões, *dina empresa de ser cantada* (X, est. 155, v.6), nem quem intentasse o «nunca ouvido canto» (I, est.15, v.4) que o poeta prometia a D. Sebastião.

Assim, se *Os Lusíadas* são, como lhe chama Oliveira Martins, «um poema epitáfio», o constante regresso da imaginação portuguesa a este texto, testifica que

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Mísero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n.º 2 2025. 55-76* https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

Portugal é, hoje ainda, uma nação dobrada sob o peso da sua própria história, feita sua «fatalidade» (Quental, 2001: 60).

Bibliografia

ABREU, Maria Fernanda de (2012), “Viagem e desterro. De Ovídio a Camões: Filinto, Garrett e Herculano”, *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, vol. 8, n.º 16, pp.103-118.

BERARDINELLI, Cleonice (2012); “Camões e(m) Garrett”, *Actas da VI Reunião Internacional de Camonistas* (coord. Seabra Pereira e Manuel Ferro), Coimbra, Imprensa Nacional, pp.499-504.

BRANCO, Camilo Castelo (1880), *Luiz de Camões: Notas Biographicas* (Prefácio da sétima edição do *Camões* de Garrett), Porto e Braga, Livraria Internacional de Ernesto Chardron Editor.

BUESCU, Helena Carvalhão (coord.) (1997), *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Lisboa: Editorial Caminho.

CAMÕES, Luís de (2000) [1572], *Os Lusíadas* (ed., org. Emanuel Paulo Ramos), Porto, Porto Editora.

CONCEIÇÃO, Maria do Rosário Alves Moreira da (2017), “Cartas para Almeida Garrett: Lembranças do Exílio”, *CEM – Cultura, Espaço & Memória*, vol. 8, pp. 253-261.

FERREIRA, Ceila Maria (2020), “Com a voz enrouquecida ou considerações sobre a presença de Camões no último capítulo de *O Crime do Padre Amaro* de Eça de Queirós”, *Filologia e Linguística Portuguesa*, vol. 22 (Especial), pp. 65-74, [consulta em 27/06/2025]. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v22iEspecialp65-74>

GARRETT, Almeida [1854], *Camões. Edição conforme a revista pelo autor com um estudo por Camilo Castelo Branco*, Porto, Lello & Irmão Editores.

----- (2005) [1825], *Portugal na Balança da Europa. Do que tem sido e do que ora lhe convém ser na nova ordem de coisas do mundo civilizado*, Lisboa, Livros Horizonte.

----- (coord. Carlos Reis; introd., nota bibliográfica Helena Carvalhão Buescu) (2018), *Camões*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

JUNQUEIRO, Guerra (1891), *Finis Patriae*, Porto, Empresa Litteraria e Typographica Editora.

Ariana Sanchez – «Oh! qual te hás feito, / Misero Portugal!...»: decadência e morte da pátria no poema *Camões* (1825), de Almeida Garrett. *História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 55-76* https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2a3

LOURENÇO, Eduardo (1999), *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva.

MARNOTO, Rita (2011), “Camões no neoclassicismo»” in Vítor Aguiar e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Alfragide, Editorial Caminho, pp. 158-167.

MARTINS, Oliveira (1986) [1891], *Camões: Os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, Lisboa, Guimaráes Editores.

----- (1988) [1879], *História de Portugal* (edição crítica com introdução por Isabel de Faria e Albuquerque; pref. por Martim de Albuquerque), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

MONTEIRO, Ofélia Paiva (2011), “Camões e o Romantismo Português” in Vítor Aguiar e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Alfragide, Editorial Caminho, pp. 176-182.

NOVO, Isabel Rio (2024), *Fortuna, Caso, Tempo e Sorte: Biografia de Luís Vaz de Camões*, Lisboa, Contraponto Editores.

QUEIRÓS, Eça de (2000) [1889], *O Crime do Padre Amaro* (2.^a e 3.^a versões, ed. Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

QUENTAL, Antero de (2001), *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos. Discurso pronunciado na noite de 27 de maio [1871], na sala do Casino Lisbonense* (introd. Delfim de Brito), Lisboa, Guimaráes Editores.

SANCHES, Ariana (2024), *Mondar-se o novo trigo florecente. As representações de D. Sebastião na obra épica e lírica de Camões: entre príncipe e santo*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Dissertação de Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes.

SOUSA, Manuel de Faria e (1972) [1639], *Lusíadas de Luís de Camões comentadas por Manuel de Faria e Sousa*, 2 volumes, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

STORCK, Wilhelm (1897), *Vida e obras de Luís de Camões* (versão do original alemão anotada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos). Lisboa: Academia Real das Sciencias.